

CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

CONTEXTUALIZING THE INFORMATION SOCIETY

Vitor Pachioni Brumatti¹

1. Bacharel em Comunicação Social – Hab. Publicidade e Propaganda pela Universidade Sagrado Coração – USC. Especialista em Antropologia pela Universidade Sagrado Coração – USC. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Professor do Centro de Exatas e Sociais Aplicadas – Universidade do Sagrado Coração - USC. Pesquisador do GPECOM – Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade. E-mail: vitor.brumatti@usc.br.

Brumatti, Vitor Pachioni. *Contextualizando a Sociedade da Informação*. Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1, p. 99-118, 2012.

Resumo

Em meio a uma sociedade em que a informação está cada vez mais presente em nosso cotidiano e com a importância crescente, faz-se necessário elucidar o que se compreende como Sociedade da Informação e como ela pode se materializar na atualidade, tendo na internet seu principal espaço midiático. Desta forma, este artigo busca realizar uma breve discussão teórica acerca da própria Sociedade da Informação. Ao final do artigo espera-se compreender as características da Sociedade da Informação, seus aspectos conceituais e discussões sobre sua formatação e até mesmo um possível paradigma.

Palavras-chave: Sociedade da Informação; Internet; Tecnologia; Cultura; Mídia

Recebido em: 11/12/2011
Aceito em: 23/9/2012

Abstract

In the midst of a society where information is increasingly present in the daily life and the ever-increasing importance, it is necessary to clarify-which is understandable as the information society and how it can materialize today, taking your main internet media space. Therefore, this article tries to make a brief theoretical discussion of the Information Society. At the end of the article is expected to understand the characteristics of the Information Society, her conceptual issues and discussions about its formatting and even a possible paradigm.

Keywords: Information Society. Internet. Technology. Culture. Media

A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A informação é o que move todo o processo de desenvolvimento e categorização da sociedade a partir da maneira como seus integrantes se comunicam.

Quando se compreendem os processos comunicacionais em pleno desenvolvimento e até se pode identificar certa *evolução* em curso dentro desse contexto, é preciso compreender a força motriz que impulsiona e alavanca a relação entre comunicação e sociedade. Nesse cenário, tem-se nos meios de comunicação e em suas constantes *revoluções* o espaço para permitir que cada vez mais os indivíduos se comuniquem e assim troquem informações sobre absolutamente tudo.

Para compreender tais processos e destacar a posição atual em que se encontra o desenvolvimento comunicacional, e por que não também entender como *informacional*, faz-se necessário realizar algumas discussões a respeito de determinadas temáticas.

Pretende-se contextualizar o que pode ser compreendido como *A Sociedade da Informação*, ou como alguns autores também propõem sociedade informacional. Não se tem a intenção de realizar um detalhamento histórico sobre a temática, tampouco esgotar o tema em discussão, mas sim apontar os aspectos principais que possibilitam a compreensão da formação dessa nova categorização da sociedade.

Como escopo teórico deste artigo foram utilizadas obras de Castells (1999), em especial *A sociedade em rede*. Essa escolha ocorreu pela importância tanto do autor como do texto para a dis-

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

cussão do tema e sua constante relevância e aparição nos debates atuais a respeito da sociedade da informação. Além disso, procurou-se desenvolver um diálogo com autores que permitem um melhor aprofundamento dentro de cada enfoque proposto, podendo citar em especial Wolton (1999), que apesar de contrapor várias ideias de Castells, acaba por possibilitar justamente essa análise a fim de se alcançar uma complementaridade conceitual a respeito da temática ainda que iniciada a partir de ópticas distintas. Outras contribuições importantes vêm de André Lemos (2003; 2009) e Armand Mattelart (2002), entre outros pensadores que colaboraram nesse debate.

CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A revolução tecnológica experimentada pela humanidade nos últimos séculos, em especial no século XX, traz à tona uma relação muito importante, a sociedade e a tecnologia não podem mais ser analisadas, ou mesmo consideradas, sem serem relacionadas de forma perene e, atualmente, profunda.

De acordo com Castells (1999, p. 43), “[...] a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” Denotando o que se pode compreender como uma profusão dessa intrínseca e cuidadosa relação que não apenas determinará os próximos passos da humanidade, ao menos em termos comunicacionais, como também organizará as novas relações sociais em um futuro não muito distante.

Como coloca Wolton (1999), o processo histórico da comunicação é tão antigo como a própria história do homem. Em contrapartida, a história da tecnologia é muito recente e faz com que boa parte das sociedades não tenha acompanhando o processo de desenvolvimento a ponto de compreender com nitidez as mudanças sociais que todas as inovações tecnológicas vêm proporcionando durante as últimas décadas.

O paradigma tecnológico presente na segunda metade do século XX é pensado e desenvolvido principalmente nos Estados Unidos por uma parte de sua sociedade e acabou por alcançar novas definições de produção, comunicação, gerenciamento e até mesmo da vida (CASTELLS, 1999).

O autor ainda destaca que a *revolução tecnológica* à medida que se expandia, despertou certo sentimento libertário, proveniente

dos movimentos sociais norte-americanos da década de 60, provocando uma diversificação de usos e aplicações da mesma, aumentando significativamente a abrangência e amplitude do que se pode identificar como desenvolvimento tecnológico. Dessa forma, permitiu seu uso plural e adequado às necessidades de cada sociedade e até mesmo de seus aspectos culturais.

Para complementar essa ideia, Mattelart (2002) constrói uma óptica, entendendo o surgimento da *sociedade global da informação*, quase que como um subproduto da *conquista espacial*, em que compreende que todo avanço tecnológico proposto e desenvolvido durante esse período acabou por proporcionar o conceito de aldeia global que posteriormente seria definido como uma nova formatação do *corpus social*.

O autor ainda aprofunda a discussão identificando que o processo de conceituação da sociedade da informação é na verdade uma construção geopolítica, tendo em vista que a proposta de uma nova organização social proporcionada por um *devir tecnoinformacional* deveria ocasionar uma releitura da própria composição da sociedade e reconstruir-se a partir de aspectos latentes na sociedade da época, como a ampliação da democracia, da solidariedade e atenção especial ao desenvolvimento da cidadania (MATTELART, 2002).

Entretanto, Mattelart (2002) ao propor uma contextualização histórica da sociedade da informação, faz excelentes contribuições para a compreensão dos processos relacionados ao longo de algumas décadas e até mesmo séculos para que possa entender o resultado desses fatos como a configuração do que ele mesmo intitula como a *sociedade global da informação*.

Assim, faz-se importante considerar que durante esse desenvolvimento histórico, o autor atenta-se aos processos geopolíticos envolvidos nesse processo, o que de fato é de extrema relevância para a temática, pois é possível, inclusive, dialogar com as ideias colocadas por Castells (1999) ao compor a relação entre ocidente e oriente dentro desse desenvolvimento tecnológico que acaba por proporcionar a sociedade informacional.

Mas ao dedicar-se excessivamente aos processos políticos envolvidos no desenvolvimento da composição desse novo formato da sociedade, Mattelart (2002) afasta-se um pouco da relação entre a *sociedade informacional* e a *composição cultural* da mesma. Não que simplesmente não seja possível identificar a presença da cultura dentro do texto do autor, mas ele o faz em um caráter mais amplo e abrangente, proporcionando uma compreensão da formação cultural

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

em seu sentido macro, envolvidos diversas vezes por questões e decisões políticas dentro do processo.

Como foi colocado, Castells (1999) ainda faz um breve relato histórico em que destaca diferentes momentos da humanidade, sendo possível identificar desenvolvimentos ou marcos tecnológicos importantes, principalmente na relação entre *Ocidente e Oriente*, em especial a China, que o próprio autor apresenta como uma das nações mais desenvolvidas tecnologicamente ao longo dos séculos.

Um aspecto importante é que ao discorrer sobre esses *inventos tecnológicos*, evidencia uma característica predominante, a presença constante da busca por *novos processos*. O que isso significa exatamente? Ao dedicar-se ao aprimoramento das etapas para a conclusão de uma tarefa, ou ainda os fatores que combinados levam a um determinado resultado, aquele precisa ou pode ser melhorado. Nesse sentido, é possível diagnosticar que todo avanço tecnológico é pautado por uma melhora da utilização da informação implícita ou embutida dentro do trabalho.

Ao desenvolver uma nova forma de fundição do ferro, ou um novo sistema de arado, o Homem desenvolve muito mais que novas ferramentas de trabalho, ele melhora a aplicação da informação dentro das necessidades do seu procedimento produtivo e isso resulta em produtos que facilitem sua rotina (CASTELLS, 1999).

Na relação entre informação e desenvolvimento tecnológico, o que se pode identificar é justamente essa busca constante, e até certo ponto livre, por novos processos e procedimento que visem aprimorar a utilização da informação e sua acessibilidade à sociedade.

A aplicação da tecnologia aos meios de comunicação, iniciando com a imprensa de Guttenberg, configurou-se como um dos principais marcos no âmbito comunicacional. Isso se deve ao fato que permitiu o desenvolvimento posterior de outras aplicações tecnológicas e até mesmo práticas sociais que levaram à formação de novos veículos de comunicação e por consequência, à disponibilização da informação para a população, como por exemplo, os jornais e revistas (BRIGGS; BURKE, 2004).

De acordo com Castells (1999), existe uma relação próxima entre o desenvolvimento tecnológico e a participação do Estado nesse contexto. O autor identifica que os governos podem funcionar em duas direções. Seu papel resulta fundamental por ser uma força impulsionadora para a evolução da tecnologia presente em seus processos produtivos nos mais diferentes níveis, desde a agricultura até mesmo à indústria de vanguarda.

Por outro lado, a presença do Estado envolvida no desenvolvimento tecnológico sob seu domínio tem a possibilidade de acabar como um freio na sua evolução, direcionando as atenções a outros aspectos e subtraindo a importância da tecnologia em seu contexto social e principalmente produtivo. Tendo essa atitude, os governos podem chegar a ocasionar muito mais que uma simples mudança de foco em suas políticas e práticas sociais. Acabar por proporcionar um atraso significativo dentro do desenvolvimento do seu conhecimento e de sua competitividade frente a outras nações (CASTELLS, 1999).

Nessa vertente, enfatiza-se a necessidade de compreender a presença e relação do Estado no contexto tecnológico da sociedade. Pois como coloca Castells (1999, p.50):

Não é diferente no caso da revolução atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico de reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional.

Nesse trecho, o autor assume o momento de revolução vivenciado ao final do século XX e avança em uma definição importante ao contextualizar essa fase com o sistema econômico em pleno processo de reorganização em que o fator que une é a tecnologia informacional. A partir desse momento, tem-se sim uma configuração social capitalista, ao mesmo tempo em que ela é baseada na informação, sendo assim, uma sociedade informacional (da informação).

Outro autor que se aprofunda nessa questão é Mattelart (2002), que discorre sobre a relação entre tecnologia e formatação de novos meios de comunicação. Ele o faz a partir de um diálogo com outros dois autores: Harold Innis e Marshal McLuhan. Dessa forma, mostra que apesar da diferença na formação e dedicação acadêmica, ambos podem ser relacionados, fato inclusive assumido por McLuhan e relatado na obra supra referenciada.

De acordo com Mattelart (2002), é possível identificar na produção de Innis a relação entre desenvolvimento tecnológico e poder, na qual cada avanço pode ser compreendido como uma nova configuração social. Evoluindo esse pensamento, o autor traz na construção teórica a célebre frase de McLuhan quando coloca que “*o meio é a mensagem*”, relacionando de forma precisa a presença da influência da forma no conteúdo e identificando inclusive processos históricos da relação entre a comunicação e a configuração

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

da sociedade. Isso porque o próprio McLuhan (1972) compreende o desenvolvimento da sociedade a partir da sua contextualização com os processos comunicacionais.

Com isso, é possível compreender uma nova organização social pautada por alguns aspectos teóricos que explicam a nova estrutura. Portanto, faz-se necessária uma perspectiva teórica que aborde prioritariamente questões como a *produção*, a *experiência* e o *poder*. A relação entre esses fatores é o que se compreende como comunicação simbólica entre os agentes presentes, prioritariamente os indivíduos e até mesmo as organizações e instituições. O resultado desse processo histórico sofre uma espécie de cristalização, criando o que se compreende como *cultura* ou *identidades coletivas* (CASTELLS, 1999).

A partir dessa contextualização o autor propõe uma compreensão específica de cultura inserida no âmbito da sociedade da informação. Coloca-se a cultura como resultado de um processo interativo presente de forma significativa nessa nova formatação da sociedade e reafirma a importância do viés cultural dentro da composição da sociedade.

Para afirmar isso, o próprio Castells (1999) indica que a presença do processo produtivo informacional gera uma busca por conhecimento e informação que proporciona o que se pode identificar como o desenvolvimento tecnológico e informacional. Uma questão emerge nesse cenário: o que isso interfere nas relações culturais?

O desenvolvimento tecnológico pautado pela procura da informação e por consequência do conhecimento infiltra-se nas estruturas sociais e remodela ou mesmo reorganiza as relação de experiência e poder, resultantes dessa nova configuração. Assim modifica aspectos inerentes ao comportamento social e até mesmo a comunicação simbólica. Nesse sentido, tem-se uma ligação próxima entre a cultura e as forças produtivas da sociedade (CASTELLS, 1999).

Para complementar esse pensamento, tem-se em Lemos e Cunha (2003, p.11) uma conceituação do termo *cibercultura* que sintetiza o pensamento de diversos autores contemporâneos, inclusive os citados anteriormente. O autor diz que

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

Esse trecho fundamental neste momento do debate, pois identifica uma relação e principalmente o produto resultante de uma nova forma de concepção a respeito da cultura, que está ligado sim à tecnologia, entretanto, está muito mais próximo dos processos sociais do que do tecnológico.

Outra informação relevante que o autor oferece é o apontamento da existência atual da cibercultura, que leva, por conseguinte, à mesma indicação em relação à *sociedade da informação*. Tendo a presença da tecnologia como item fundamental nesse novo conceito da sociedade e as práticas de seus usuários levando a uma cultura resultante, pode-se afirmar, inclusive, que a existência dessa nova formação cultural somente é possível dentro da sociedade da informação.

Por isso, ao buscar alcançar uma definição para o conceito de sociedade informacional é preciso compreender que essa categorização precisa ser entendida dentro e a partir de uma contextualização. Não se pode simplesmente definir a existência de uma *sociedade da informação* por si só. Essa colocação necessita de um avanço teórico importante (CASTELLS, 1999).

É preciso dar destaque a dois aspectos: no primeiro é o fato da sociedade informacional ser baseada em um sistema capitalista, ainda que remodelado e reestruturado. Em um segundo momento, não é passível, muito menos aceitável, ignorar a diversidade cultural presente dentro dessa sociedade, pois como já foi colocado anteriormente, a presença das múltiplas culturas é um fator tão importante a ponto de criar variações em sua constituição enquanto definição do próprio processo de formação da sociedade (CASTELLS, 1999).

Até porque Wolton (1999, p.38 – *Tradução livre*) tece uma crítica em relação à identificação da sociedade da informação:

A comunicação se reduz às tecnologias, e as tecnologias se convertem em sentido, até o de que acabamos de chamar a sociedade de amanhã em sociedade da informação ou da comunicação em nome da tecnologia dominante. Estranha forma de compreender o sentido, tendo como referência a compreensão dos dados da informática.²

2 Do original: *La comunicación se reduce a las tecnologías, y las tecnologías se convierten en sentido*, hasta el punto de que acabamos de llamar a la sociedad del mañana «sociedad de información o de comunicación» en nombre de la tecnología dominante. Extraña manera de comprender el sentido, a imagen de la manera de comprensión de datos en informática (WOLTON, 1999, p.3).

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

Nessa colocação, o autor destaca uma possível superficialidade a respeito do título da *sociedade da informação*, fazendo uma ligação direta com a presença da tecnologia dentro da sociedade. A discussão que precede e que se seguirá aprofundará esse processo, mostrando que a materialização da sociedade da informação demonstra o nível mais detalhado que simplesmente a exaltação da tecnologia inserida no contexto social.

O próprio Castells (1999, p.54) diz que “[...] devemos esperar o surgimento de novas formas históricas de interação, controle e transformação social”. Com essa colocação, é possível identificar inclusive o diagnóstico feito pelo autor a respeito da necessidade de novos processos comunicacionais. Isso se traduz em uma interessante análise a partir do contexto em que o texto foi desenvolvido.

Tratava-se do final da década de 90 e a presença dos meios de comunicação de massa já era uma realidade, até mesmo a internet já tinha se consolidado como um meio de comunicação extremamente promissor e propenso a uma grande popularização dentro da sociedade.

O autor destaca essa necessidade, ainda que não faça referência direta à internet ou quaisquer outros meios de comunicação, pois não bastava apenas um meio de comunicação capaz de proporcionar a interação entre seus atores. Ele avança o pensamento e propõe a existência da necessidade de ferramentas relacionadas a essas interações sociais que possibilitem aspectos como o controle e principalmente o surgimento de um vetor de transformação social, aspectos esses que atualmente, após mais de uma década de desenvolvimento do texto original, são facilmente identificadas em algumas ferramentas da internet.

De acordo com Lemos e Cunha (2003), a cada transformação midiática as relações espaço-temporais se reorganizam e ganham novas formatações. Isso é interessante, a internet precisa alcançar uma legitimação enquanto meio de comunicação, pois a mesma assume uma grande quantidade de fluxos informacionais em tempo real e participação social em níveis altamente integrados que permitem identificá-la como o espaço da sociedade informacional já citada anteriormente por Castells (1999).

É preciso delinear o foco dos processos e movimentos citados até o momento. Quando se fala em sociedade, deve-se centralizar suas ações a partir dos agentes dessas relações: o indivíduo. Com isso, torna-se inevitável analisar a participação das pessoas na construção e manutenção do que se tem chamado até o momento de *sociedade informacional* (CASTELLS, 1999).

O próprio Castells (1999) pondera que a presença do indivíduo na sociedade baseada na formação informacional é um processo de construção de significado a partir dos próprios atores sociais e que está pautado por uma busca de referencial na cultura, ou nos atributos culturais relacionados ao que se espera definir enquanto identidade moldada dentro desses espaços.

Até porque Lemos e Cunha (2003) identificam a criação dos novos meios de comunicação, como a internet, a partir da sua relação com a utilização do usuário, mostrando que cada meio que surge na sociedade faz com que a mesma se reorganize em seus processos e práticas sociais. Ao colocar a *cibercultura* como essa íntima relação entre a cultura, a sociedade e as tecnologias digitais, ocasiona reordenamentos espaço-temporais em que torna possível ao ser estar em um determinado lugar e agir à distância. Por isso, a formatação a partir da *cibercultura* desenvolve uma ampliação a respeito das formas de ação e comunicação que os indivíduos são capazes de realizar sobre o mundo.

Nesse ponto, faz-se importante uma reflexão a respeito dos posicionamentos acima tratados. Ao considerar a presença do ser, ou indivíduos, em ambientes informacionais como, por exemplo, a internet, entende-se que esse pertencimento é produto de um processo de construção e afirmação de um sentido ou um significado. Nesse contexto, o indivíduo só alcança a amplitude do que se pode compreender até certo ponto como *representação* na medida em que utiliza os próprios atributos culturais como âncoras para a concretização dessa identidade. O faz a partir das ações realizadas dentro desse espaço, atitudes essas que são remodeladas se comparadas a outros momentos da sociedade.

Assim a cultura, não é apenas adjacente, marginal ou resultante dos processos sociais, ela é o início da construção do *ser* dentro dos espaços informacionais. Isso em momento algum impede a interação entre os indivíduos de diferentes culturas ou mesmo com formação adversa a respeito dos atributos culturais iniciais. Entretanto, servem como referencial para sua identificação dentro da sociedade da informação (CASTELLS, 1999).

Não é possível ignorar um questionamento que se faz latente nesse momento. Por que tratar de identidade e representação dos indivíduos em uma sociedade baseada em novos processos e novos modelos, tendo como base a informação como matéria-prima? Seria esse processo realmente necessário? A resposta evidente é *não*. Apesar de objetiva, não é a mais assertiva. Esse processo de construção de identidade do *ser* em uma nova sociedade é o paradigma que se

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

apresenta nesse contexto, pois ao apresentar uma nova formação social, faz-se necessário compreender como será a participação dos indivíduos nessa reorganização e assim eles precisam constituir um processo de identificação que necessariamente remete à constituição de uma representação do mesmo na *nova sociedade*.

De acordo com Alain Touraine (apud CASTELLS, 1999, p.58): “[...] numa sociedade pós-industrial em que os serviços culturais substituíram os bens materiais no cerne da produção, é a defesa da personalidade e cultura do sujeito contra a lógica dos aparatos e mercados que substituí a ideia de luta de classes.”

Nessa colocação, o autor não somente contextualiza como também justifica o posicionamento dos indivíduos perante o novo cenário que se apresenta. A ideia de cultura avança em relação a momentos anteriores e assume um novo discurso nas relações sociais.

A respeito da configuração da *sociedade da informação* é importante ressaltar que ao longo de sua obra, Castells (1999) desenvolve uma série de afinidades entre o desenvolvimento tecnológico e processo histórico e social em curso durante várias décadas do século XX. Com isso, o autor pontua que o que se pode compreender atualmente como uma nova formação da sociedade é resultado sim de um processo revolucionário gradual e constante que a sociedade vivenciou nas últimas décadas.

Essa colocação torna-se relevante ao destacar que o desenvolvimento de novos processos e práticas sociais foram profundas e enraizaram-se nas sociedades e exigiram uma reestruturação tanto do Estado, como também da iniciativa privada. Faz-se digno de nota que o autor enfatiza que por diversos momentos o primeiro passo rumo a essa nova formação da sociedade foi dado pelo Estado e não pelos empreendedores privados.

Desenvolvimento tecnológico esse que não cessa de acontecer. É o que discorre Lemos e Cunha (2003) ao colocar a continuidade desse desenvolvimento como uma ponte para novos processos sociais. Avançando a análise, é importante considerar as novas formas de acesso de que o indivíduo dispõe, principalmente a possibilidade de mobilidade. Não se trata mais de um único espaço que permitirá acesso a conteúdos e informações. O resultado desse processo é a formação da rede. O autor ainda pontua enfaticamente o conceito da rede totalitária, mudando inclusive o conceito de computador pessoal – PC³ – para o computador conectado – CC – ilustrando uma nova forma de entender a organização social.

3 Do original em lingua inglesa: *Personal Computer*

Para que se possa configurar a sociedade da informação como um momento legítimo e reconhecidamente presente no contexto histórico da humanidade é preciso definir o paradigma predominante dessa sociedade. Para isso, tem-se a discussão referenciada por Castells (1999) que identifica a presença do próprio paradigma da *sociedade informacional* a partir da elaboração feita por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi, tendo como base uma adaptação clássica proposta por Kuhn (1998) a respeito das revoluções científicas.

Kuhn (1998) propõe que todo processo de desenvolvimento científico é pautado a partir de uma crise de paradigmas no cenário em foco. Com isso, ao trazer essa definição para a conceituação do paradigma da sociedade da informação, Castells (1999) evidencia, ainda que implicitamente, que existe um modelo social em crise, cujas aplicações e resoluções já não apresentam mais soluções para a realidade atual.

Nesse contexto, o próprio Castells (1999, p.108) organiza o paradigma tecnológico desenvolvido por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi e oferece cinco princípios em busca da formatação do paradigma da sociedade da informação:

A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: *são tecnologias para agir sobre a informação*, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores.

Nesse primeiro aspecto, destaca-se a abordagem a respeito da relação entre a tecnologia e a informação, em que o posicionamento adotado define a presença da própria tecnologia em sua aplicação sobre a informação. Dessa maneira, reafirma o papel da informação como matéria-prima da sociedade e não o oposto, em que a tecnologia é o processo central, aspecto esse que o autor enfatiza como presente em todas as revoluções precedentes.

Esse alinhamento justifica-se por um processo no qual a própria tecnologia é pensada para aprimorar e ampliar a participação da informação e por isso esse foco não apenas surge com coerência, mas principalmente como única possibilidade.

Dando sequência, Castells (1999, p.108) coloca que:

O segundo aspecto refere-se à *penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias*. Como a informação é uma parte integral de toda a atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico.

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

A tecnologia sendo moldada e trabalhada para servir à informação é preciso compreender que as novas tecnologias avançam em seu conceito de acessibilidade e penetrabilidade de toda a revolução tecnológica perante a sociedade na qual está inserida.

Essa linha de pensamento reforça a relevância da presença da cultura como um dos processos de significativa importância. À medida que se amplia e aproxima a relação entre tecnologia, informação e fatores culturais, tem-se um índice de penetrabilidade maior de todos os fatores, em especial da tecnologia e da informação como fontes influenciadoras da sociedade e do indivíduo, resultando assim em interferência sobre a própria cultura.

Castells (1999, p.108) continua:

A terceira característica refere-se à *lógica de redes* em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. [...] E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana.

Nesse terceiro aspecto do paradigma, coloca-se a presença da conectividade dos agentes e processos sociais em destaque. O formato da rede apresenta adaptabilidade à complexidade social que essa nova organização exige. É possível até compreender a crise paradigmática proposta e que necessita encontrar seu ponto de equilíbrio nesse processo. Quando o autor supracitado propõe “estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana”, está se referindo à presença da estrutura em rede como uma forma de equilíbrio entre a *organização* e o *caos*, que deve permanecer em um estado de tensão em busca da inovação constante.

Vale ressaltar que perseguir o novo é instigar a interação e movimentação em busca de novos caminhos, processo esse perfeitamente possível por meio da lógica das redes.

Na sociedade, toda estrutura que alcança um determinado nível de complexidade ao mesmo tempo em que atinge uma proposição de valor social e cultural inestimável, necessita de uma estruturação que garanta sua acessibilidade constante ao mesmo tempo em que permita um reordenamento dos fluxos inseridos no processo.

Sem realizar uma analogia de valor, embora o mesmo ocorra com outros itens essenciais à vida cotidiana, tem-se em aspectos como o abastecimento de água, energia elétrica e o sinal telefonia

fixa a mesma estrutura que garante a permanência do fluxo por se organizar em uma lógica de redes que pode suprir-se ainda que alguns pontos fiquem isolados ou inoperantes.

Dando prosseguimento, Castells (1999, p.108) coloca que:

Em quarto lugar, referente ao sistema de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, o paradigma da tecnologia da informação é baseado na *flexibilidade*. Não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional [...].

A lógica das redes e sua “estruturção do não-estruturado” desenvolvem o sentido de flexibilidade necessária aos agentes e presentes nesse processo. São eles os responsáveis pelas interações, entretanto essas conexões não são rígidas, tampouco fundamentalmente imutáveis. Ao contrário, o conceito de flexibilidade apresentado pelo autor permite ampliar para o aspecto de fluidez em que os atores do processo, sejam indivíduos, ou mesmo instituições, permitem se reconfigurar e se reorganizar dentro de seu contexto social.

Para finalizar essa definição, Castells (1999, p.109) diz:

Então, uma quinta característica dessa revolução tecnológica é a crescente *convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado*, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado.

Assim, o autor finaliza a composição do paradigma da sociedade da informação abrindo novos caminhos, principalmente no contexto comunicacional. Ao propor o conceito de convergência em busca de um sistema integrador de processo e/ou funções, ele indica a necessidade de novos meios e plataformas informacionais. Um espaço onde a funcionalidade possa se multiplicar exponencialmente na medida em que debruça seus esforços em tecnologias a serviço da informação, tendo a própria informação como centro. É nítido que o caminho é a convergência tanto como um processo tecnológico, mas talvez até mesmo como um processo influenciado pela cultura.

Com isso, definem-se mais do que parâmetros paradigmáticos. Ficam colocadas as bases dessa sociedade informacional, não mais como um conceito ou ainda um ideal, mas sim como uma realidade. Sim, a sociedade da informação é uma realidade onde se tem pressupostos para um reordenamento social e cultural mediante uma transformação dos próprios preceitos da sociedade.

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

Nesse novo contexto, o paradigma se aplica à informação, por isso vários aspectos levam a considerar uma sociedade informacional e remete a alguns questionamentos: quando a informação atingiu esse patamar de importância na sociedade? Como se pode materializar esse processo dissertado anteriormente?

Essas questões se entrelaçam e exigem uma resposta conjunta. A importância da informação sempre esteve presente, pois como foi colocado por McLuhan (1972) e Burke e Briggs (2004), a sociedade por vezes foi organizada e até mesmo classificada de acordo com a relação entre comunicação e sociedade. A matéria-prima desse processo sempre foi a informação. Por isso é possível afirmar que a informação sempre esteve presente com grande importância na sociedade.

Entretanto, outras classificações da sociedade não a colocavam como tendo a informação no centro de seus processos. Até porque como explica Wolton (1999), o conceito de sociedade da informação já existia na sociedade, porém aplicada a outros meios como os livros, as revistas e qualquer forma de interação social mediada.

Um dos fatores que provavelmente influenciaram foram o desenvolvimento e formatação dos meios de comunicação que até então apresentaram certa limitação na relação com a oferta da informação e principalmente em sua participação com a sociedade.

Entretanto é perceptível o avanço intelectual proporcionado por Castells (2009, p. 24 – *Tradução livre*) ao redefinir a forma de compreender a *sociedade da informação*:

A sociedade em rede é a sociedade cuja estrutura é composta em torno das redes ativadas por microeletrônica-baseada em informações digitalmente processadas e tecnologias da comunicação. Eu entendo as estruturas sociais como arranjos organizacionais dos seres humanos nas relações de produção, consumo, reprodução e poder expressos por meio da codificação pela cultura.⁴

Ao identificar o avanço teórico realizado pelo autor após mais de dez anos de sua obra referencial *A sociedade em rede* – Castells (1999) –, em texto mais recente o autor propõe limites muito interessantes a respeito do conceito da *sociedade em rede* que tem por base a própria *sociedade da informação*. Entretanto, ele desenvolve o pensamento e não compreende a cultura somente como resultado

4 Do original: A network society is a society whose social structure is made around networks activated by microelectronics-based, digitally processed information and communication technologies. I understand social structures to be the organizational arrangements of humans in relationships of production, consumption, reproduction, experience, and power expressed in meaningful communication coded by culture (CASTELLS, 2009, p.24).

do processamento e interação dos usuários em seu ambiente. Mas apresenta a cultura como um espaço de codificação dos significados sociais e seus processos envolvidos.

Nesta mesma obra, Castells (2009) dedica-se a compreender como a sociedade da informação gerencia a relação entre poder e comunicação, o que pode ser percebido de acordo com a citação acima. É importante ressaltar que nessa obra o autor atualiza o conceito de cultura dentro da sociedade em rede. Em um primeiro momento compreendeu a cultura como resultado ou produto de interações prévias; posteriormente a cultura é compreendida como vetor dentro do processo (CASTELLS, 2009). Essa mudança de pensamento é muito significativa para o trabalho, pois desloca a ideia inicialmente apresentada e trata a cultura em um novo panorama aprofundando e dando novas funções aos processos culturais existentes dentro da sociedade *da informação*.

Não sendo mais produto e sim veículo dos significados das atitudes dos seres dentro da sociedade, toda e qualquer ação é carregada de seu contexto cultural e sua forma de materializar-se amplia seu espectro de representação e passa a ser um multiplicador do significado que a própria ação transmite. Identificar esse processo dentro da internet é um dos focos centrais desse trabalho, pois a dialética proposta pelo próprio Castells (1999; 2009) está presente na presença dos indivíduos e no uso dos espaços comunicacionais da *sociedade informacional*, tendo a internet como principal agente nesse processo.

O autor ainda pondera, ao analisar a série de fatores, que isso pode influenciar o processo e principalmente a força de informações entre culturas diferentes. Para tanto, faz a seguinte colocação:

[...] a cultura comum da sociedade em rede global é uma cultura de protocolos de comunicação, permitindo a comunicação entre culturas diferentes não tendo como base os valores compartilhados, mas a partilha do valor da comunicação (CASTELLS, 2009, p. 38 – *Tradução livre*).⁵

Esse paradigma exposto é o que o próprio autor adota como forma de abordagem e hipótese para a realização da obra, buscando ressaltar não somente o processo comunicacional como troca de valores, mas como partilha integrada, capaz de aproximar diferentes culturas pelo simples ato de partilha da informação.

5 Do original: [...] *the common culture of the global network society is a culture of protocols of communication enabling communication between different cultures on the basis not of shared values but of the sharing of the value of communication* (CASTELLS, 2009, p.38).

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

Pode-se afirmar com isso que a internet é o espaço inicial para o desenvolvimento e materialização desta proposta, pois une todos os princípios identificados e explanados anteriormente em um contexto fortemente midiático, com o diferencial de entender seu público, ou usuário, como não apenas um mero receptor, reformulando o processo comunicacional.

CONSIDERAÇÕES

Não seria correto intitular essa etapa do trabalho como *considerações finais*, tampouco como conclusões, pois de fato não o são. Tem-se aqui a indicação do processo proposto inicialmente foi alcançado no decorrer do texto, sendo que de acordo com a discussão exposta ao longo do artigo é capaz de possibilitar o entendimento do contexto da sociedade da informação, bem como sua conceituação. Com isso, espera-se incentivar estudos contínuos acerca desse tema e permitir a continuidade e aprofundamento de análises sobre o desenvolvimento da própria internet e das relações sociais e culturais que ela proporciona.

Referências

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg a internet.** São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.

CASTELLS, M. **Communication power.** New York: Oxford University Press, 2009.

_____. **La galaxia Internet.** Reflexiones sobre Internet, empresas y sociedad. Barcelona: Areté, 2001.

_____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** V.1 A sociedade em rede. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____. **Internet e sociedade em rede.** In: MORAES, Dênis de (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

INTERNET TRUE HISTORY: Browser Wars / Search / Bubble / People Power. Apresentação: John Heilemann. Marc Andreessen, Bill Gates, Sergey Brin, Larry Page, Henry Blodget. [S.l.]: Oxford Scientific Films, 2008. 2 DVD. 4 Documentários (180 min).

KUHN, T. Estrutura das revoluções científicas. 5^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. (orgs). **Comunicação e Mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O que é virtual?.** São Paulo Editora 34, 1996.

LOPES, R. S. **INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E VALOR**. 2006. 207 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia, São Paulo, 2006.

MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (org.) **A genealogia do Virtual**. Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MATTELART, A. **Historia de la sociedad de la información**. Barcelona: Paidós, 2002.

MCLUHAN, H. M. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Brumatti, Vitor Pachioni. *Contextualizando a Sociedade da Informação*. Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1, p. 99-118, 2012.

Brumatti, Vitor Pachioni.
Contextualizando a Sociedade da Informação.
Mimesis, Bauru, v. 33, n. 1,
p. 99-118, 2012.

TEIXEIRA, A. C.; CAMPOS, A. de. A indissociabilidade entre inclusão digital e software livre na sociedade contemporânea: a experiência do Mutirão pela Inclusão Digital. In. TEIXEIRA, A. C.; MARCON, K. (org.). **Inclusão digital: experiências, desafios e perspectivas**. Passo Fundo: Editora da Universidade da Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 15-32.

WOLTON, D. **Internet, ¿y después:** una teoría crítica de los nuevos medios de comunicación. Barcelona: Gedisa, 1999.

